

OS TESTEMUNHOS NA COBERTURA DAS CATÁSTROFES AMBIENTAIS¹

Márcia Franz Amaral²

***Resumo:** O trabalho analisa as especificidades dos discursos dos testemunhos nos acontecimentos das catástrofes climáticas nas revistas semanais. A partir da noção do testemunho como um discurso sobre uma experiência singular, refletimos sobre o teor testemunhal presente nas matérias relacionadas à tragédia provocada pelos deslizamentos nos municípios serranos do Rio de Janeiro em janeiro de 2011. Caracterizamos os testemunhos e os cotejamos com as manifestações das fontes do tipo expert. Mostramos como a experiência, aparentemente fonte do sentido, configura-se numa rede discursiva que constrói o acontecimento catastrófico.*

***Palavras-Chave:** Cobertura de Catástrofes. Fontes jornalísticas. Testemunhos.*

1. Introdução

O trabalho analisa o teor testemunhal presente na cobertura dos deslizamentos de terra ocorridos na região serrana do Rio de Janeiro no primeiro mês de 2011 nas revistas Veja, Isto é, Época e Carta Capital (12 edições). As reflexões apresentadas integram a pesquisa financiada pelo CNPq intitulada **Testemunhos e experts nos acontecimentos das catástrofes ambientais**.

Os depoimentos das fontes, sejam elas autoridades, experts ou testemunhos são determinantes na construção do acontecimento. Afinal, o acontecimento não é uma realidade objetiva externa alheia ao sujeito que a percebe (ALSINA, 2009, p.12). A escolha e a manifestação das fontes estão condicionadas ao tipo de acontecimento em questão e ajudam a construí-lo. O acontecimento catastrófico demanda várias fontes para reconstituir os elementos do passado e do presente. As fontes auxiliam no cumprimento do contrato

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011.

² Professora do Programa de Pós –Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tutora do Grupo PET comunicação (CAPES-SESU). Email: marciafranz.amaral@gmail.com

pragmático e fiduciário com o leitor na exigência de que a informação midiática seja real. E os testemunhos costumam ter visibilidade nas catástrofes porque possuem esta especificidade. Como afirma Ricouer (2007), a genealogia da prática testemunhal é a fíducia.

Consideramos fontes autorizadas ou oficiais as pessoas com função de representação institucional ou organizacional. Os experts são fontes que dispõem de um conjunto de conhecimentos especializados e competências específicas e são convocados para explicar o fato pela sua qualificação profissional. Já os testemunhos têm visibilidade pelo relato da sua experiência, pois presenciaram o fato, participaram diretamente da sua causa ou sofreram as consequências dele.

Os testemunhos, ao longo da história do século XX, configuraram-se num tipo de discurso de indivíduos e grupos sociais que viveram situações traumáticas e necessitaram de espaços de expressão e de escuta. Na interface entre a literatura e a história, o discurso do testemunho transformou-se numa tendência, a Literatura de Testemunho, ligada sobretudo ao Holocausto (testemunho do Shoah) e às ditaduras latino americanas (testimonios). Assumiram o papel de resgate da história contemporânea (embora o Holocausto seja considerado um evento sem testemunhas) e de vetor da voz dos marginalizados e excluídos. Como afirma Seligman-Silva (2003), a literatura do século XX – Era das catástrofes e genocídios – ilumina retrospectivamente a história da literatura após 200 anos de auto-referência, que passa a ser revista a partir do questionamento do seu compromisso com o real.

2. Era das catástrofes

Para além do holocausto e das ditaduras latino-americanas, uma suposta nova tirania passa a ser cada vez mais considerada, reconhecida e testemunhada: as catástrofes ambientais, compostas por fenômenos extremos como terremotos, tsunamis, temporais, enchentes, erupção de vulcões, inundações, deslizamentos e secas.

A defesa do meio ambiente tomou o lugar das grandes narrativas do início e metade do século XX. Consequentemente, o tema do ambiente vem ganhando muita importância no campo jornalístico e, especialmente nos aspectos ligados ao clima, personagem central da maioria das tragédias. A catástrofe enquadra o discurso do meio ambiente de forma menos

abstrata, pois normalmente ele é visto fora das relações sociais complexas, ou seja, o discurso ambiental se materializa em questões sociais quando ocorre uma catástrofe.

A ANDI (Associação Nacional dos Direitos da Infância) realizou a pesquisa **Mudanças Climáticas na Imprensa Brasileira** que analisou 50 jornais brasileiros entre 2005 e 2007³. Com base na pesquisa, Fioravanti (2010) afirma que a nova vedete do jornalismo é a mudança climática. No jornal Folha de São Paulo, por exemplo, a quantidade de reportagens cresceu quatro vezes entre 2006 e 2007. Entretanto, ao comparar os jornais Independent e Folha de São Paulo, concluiu-se que a cobertura do jornal inglês é mais participativa e representa os interesses da população, dos políticos e dos cientistas de forma mais clara, enquanto a da Folha utiliza um discurso totalmente baseado no que os pesquisadores dizem. O jornal inglês também publica maior quantidade de matérias sobre mudanças climáticas e a Folha ainda é muito dependente de agências internacionais, pois existem poucos jornalistas brasileiros trabalhando no tema. Enquanto no cenário britânico os estudos e as perspectivas de impacto das mudanças climáticas atraem novos participantes e contribuem para motivar o Estado a intervir sobre a realidade, no Brasil acentuam a assimetria de poder, mantendo os cientistas como protagonistas e postergando a participação de outros atores sociais e a ação do Estado. (FIORAVANTE, 2008).

Pesquisadores da UNICAMP afirmam que dos 55 mil municípios brasileiros, mais de 33 mil viveram situações de catástrofes nos últimos cinco anos (STEIMBERGER-ELIAS, 2010) e muitas delas envolvem o clima. Entre estes números, estão acontecimentos de destaque como as enchentes e os deslizamentos em Santa Catarina em 2008. O ano de 2010 também foi considerado um ano emblemático pela quantidade de fenômenos deste porte no país com os deslizamentos em Angra dos Reis, as chuvas no Rio de Janeiro, em São Paulo e em cidades do nordeste. O ano de 2011 inicia-se no Brasil num ritmo ainda mais trágico, com 860 mortos, mais de 200 desaparecidos e milhares de desabrigados e desalojados nos deslizamentos ocorridos nas cidades serranas do Rio de Janeiro, considerado o maior desastre “natural” do país.

³ Disponível em <http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br>

Dados da International Disaster Database do EM-DAT mostram que de 1900 a 2004 houve 84 desastres mundiais. Internacionalmente, o marco das catástrofes foi o tsunami de 2004 que matou 4.000 pessoas na Ásia. Aliás, uma Conferência Internacional da ONU no mesmo ano teve como tema a Redução de Catástrofes Naturais. Em 2005, os Estados Unidos enfrentaram os furacões Katrina e Rita, também marcos desta nova “era”.

Inúmeros relatórios científicos, como o Relatório Stern, e produtos como o documentário Uma Verdade Inconveniente, de Al Gore contribuíram, conforme a ANDI, para deslocar a ideia abstrata das mudanças climáticas para fatos bastante concretos, desde o derretimento de geleiras até o furacão Katrina, passando pelo descaso das autoridades ou os conflitos de interesses econômicos embutidos nas grandes narrativas supostamente consensuais sobre a proteção ambiente. Em 2010, houve as inundações na Ilha da Madeira, os terremotos no Haiti e no Chile. Para encerrar o ano, o soterramento e resgate dos mineiros no Chile que também deixou em evidência a relação homem e natureza.

Nestrovski e Seligmann-Silva (2005) explicam que a palavra catástrofe vem do grego e significa “virada para baixo” (kata + strophé) e é, por definição, um evento que provoca trauma, outra palavra grega, que significa ferimento. E a característica do trauma é um estímulo demasiado grande para ser assimilado. O acontecimento catastrófico é desorganizador, desestabilizador e cheio de singularidades. Tem aspectos imensuráveis, difíceis de serem relatados por jornalistas e fontes, o que demanda do jornalismo um esquadramento exaustivo. Afinal, quem é quem nestas tragédias? Quais são suas causas? Como o a população se organiza no momento pós-trauma? Qual é o papel dos Governos, da imprensa, dos cientistas, da defesa civil, das instituições, dos especuladores imobiliários, dos políticos em geral e da população? Como outros países se organizam? Como deve ser a cobertura de tais acontecimentos? Vários atores sociais atuam nessa narrativa e muitos deles tornam-se visíveis como fonte em citações diretas e indiretas. O jornalismo assume, nestes casos, o papel de “domar o selvagem, colocar ordem nas coisas, conhecê-las, nomeá-las, explicá-las e consensualizá-las para poder assimilá-las.” (MOTTA, 2002, p. 7).

Nessa construção do acontecimento catastrófico, o jornalismo movimentava vários sentidos que envolvem a relação do homem com o ambiente, a política e a ciência e ajudam a redefinir cotidianamente a realidade.

O fazer jornalístico, mais do que registrar e informar sobre os fatos da realidade circundante, tem a função social de testemunhar e confirmar reiteradamente o pacto social fundado na comunidade estabelecida, afirma Gomes (2000). Para a autora, um dos eixos que auxilia na identificação das formas de abordagem ante um mesmo tema é a observação das fontes, porque seu número se relaciona tanto à meta de apuração dos fatos quanto à meta de diversidade de opiniões, elementos do ideário jornalístico e do direito à informação postulado pela luta por direitos humanos. Aliás, valores ligados aos direitos humanos são seguidamente a base imaginária da cobertura midiática dos acidentes.

3. O testemunho do jornalismo

O relato jornalístico, muitas vezes, busca transmitir uma experiência a que o destinador não teve acesso direto e imediato. Sodré (2009, p.48) nos auxilia na compreensão da definição de testemunho.

Ser testemunha é assistir a um acontecimento, ter em consequência um acesso direto, imediato ao que se está produzindo. O fato de estar presente no lugar confere à testemunha direitos orais e direitos à comunicação. *Histor* (de onde deriva a palavra história) é como o antigo grego designava a testemunha, aquele que, por ter visto o acontecimento, investia-se o direito de narrar.

O direito de narrar, no jornalismo, é inicialmente do jornalista, que pode ter vivido a tragédia “na pele” ou apenas tem o papel de reconstituí-la. Baseados em Rodrigues, lembramos que o testemunho é a comunicação “que existe entre alguém que teve a experiência directa e imediata de um acontecimento ou de um fenómeno e que a comunica a outra pessoa que não teve a mesma experiência directa e imediata” (1997, p.01) . O efeito específico tanto do testemunho como da transmissão da experiência é um efeito de natureza informativa, de dar a conhecer a alguém uma experiência a que não teve acesso, diz o autor. Mas a informação assegurada pelo testemunho é de natureza diferente da informação assegurada pela cadeia de transmissão. Para o autor, quem vive a experiência tem o privilégio

de verificar a correspondência da mensagem com o fenômeno relatado. Aos que relatam a experiência, é imputada a fidelidade da transmissão.

Para Rodrigues (1997), a reconstituição da experiência vivida exige procedimentos como a averiguação dos factos e dos fenómenos que ocorreram, a credibilidade do testemunho de quem teve a sua experiência primeira e a apreciação da fidelidade de cada um dos elos da cadeia de transmissão da experiência.

O relato jornalístico tem em si, muitas vezes, um tom testemunhal, por intermédio do que Laurindo (2008) denomina autor-jornalista. O autor-jornalista é aquele que exerce a função autoral na dimensão mais adequada à epistemologia do jornalismo como expressão do conhecimento através da experiência mediada e não da experiência em si (2008, p.64). É constitutivo do jornalismo que sua narração tenha um teor testemunhal, garantido por sua ideologia profissional e seu contrato com o leitor.

Também podemos observar que, muitas vezes, a experiência aparece relatada numa mescla entre o testemunho do repórter e o testemunho das vítimas (em trechos com citações literais ou não literais).

“Vi corpos na calçada, presos em galhos de árvores que a enxurrada trouxe, em todos os lugares”, diz. Com água na cintura, andou até a casa do irmão. O 2º andar já havia sido invadido pelas águas. Não havia ninguém com vida ali. Dois dias depois, Marco Antônio estava no IML improvisado no centro de Teresópolis, reconhecendo a última das vítimas a ser de sua família a ser encontrada. Era a sobrinha mais nova, Raiane, de 6 anos. (Época, 17/01)

Frequentemente, em boletins ao vivo ou em textos autorais em reportagens, o repórter, mesmo não sendo vítima, nem tendo experienciado diretamente a situação traumática, assume este lugar por chegar no calor do acontecimentos, como foi o caso do repórter Diego Escosteguy na revista Veja, cuja capa e várias páginas foram ocupadas com um depoimento dele totalmente entre aspas (FIG 01): "*Escrevo este relato no chão de Porto Príncipe, a cidade que acabou e agora recende a morte e sofrimento.*" (Veja 23/01/2010).



FIGURA 01

A situação é tão dramática, que presenciar os momentos pós-tragédia é suficiente para ser testemunha do acontecimento traumático.

“Encontrei quatro voluntários tentando levantar os grossos pedaços de concreto, sem nenhuma ferramenta – e sem sucesso. Perguntei o que procuravam. ‘Cerca de vinte pessoas’, respondeu um deles. A força terrível do cheiro de corpos decompostos paira sobre tudo.” (Veja 23/01/2010)

Entretanto, o tom testemunhal do relato jornalístico está submetido a certas rotinas e vigilâncias éticas do campo jornalístico. Como exemplo, trazemos o caso da atuação de um repórter da Globo que foi vítima de um boato logo após os deslizamentos nos municípios do Rio de Janeiro em 2011. O jornalista marcou sua atuação num testemunho deslocado de seu

papel de jornalista, o que gerou crítica de seus pares. O repórter Guilherme Portanova foi até os municípios atingidos e, durante o jornal Hoje do dia 14/01/2011, foi entrevistado. Contou o que sentiu ao tentar fugir da cidade em razão de um falso boato de rompimento de uma barragem. O repórter discorreu sobretudo sobre o seu próprio medo.

“Fugimos e nos perdemos no meio da confusão. Foi uma manhã de desespero [...]. Parte da nossa equipe, do Rio de Janeiro, subiu um morro, aqui atrás da prefeitura, e se escondeu num cemitério que fica numa área alta, para poder escapar. [...]A gente correu, na verdade, para salvar a vida.”

O repórter foi criticado por não ter cumprido seu papel jornalístico, por não ter feito um boletim e imagens no momento do fato (CUNHA, 2011).

Já na Rede Record, a repórter Vivian Carvalho e sua equipe, do Jornal da Record, relatou o mesmo episódio, filmando os momentos do pânico na rua, mostrando as pessoas correndo assustadas e a mencionando a versão alarmista que ouviram. As pessoas fugiam, mas ela ficou para fazer a reportagem e contar a história, como documentou Cunha (2011).

O jornalista ocupa o lugar de testemunha, mas trata-se de um tipo de testemunho específico que se utiliza do poder também de organizar a narração, escolher quem fala, o que fala e como fala. Evidentemente, quanto maior é a tragédia, mais marcas de testemunho similares às das vítimas estarão presentes no discurso do jornalista. Assim, o teor testemunhal pode estar presente também em declarações de outros tipos de fontes, como veremos no caso das fontes do tipo expert. Também é possível notar que na cobertura de catástrofe, muitas vezes o teor testemunhal está diluído em toda a matéria.

O uso dos testemunhos no jornalismo diz respeito também às condições imediatas de produção deste discurso que incluem características do dispositivo, periodicidade e público alvo. Como exemplo, podemos citar o fato de a revista dar voz aos testemunhos depois que a TV ou a Internet já possibilitaram que vários falassem ao vivo ou se manifestassem imediatamente ao acontecimento.

Mas se algumas vezes mediador e testemunho coincidem (PEREIRA, 2009), como no caso do jornalista que testemunha algo e ao mesmo tempo relata sua experiência, em outras o testemunho de uma pessoa passa por um mediador que pode ser o jornalista e, portanto, é submetido à diferentes formas de coleta, redação e edição da experiência.

O envolvimento do jornalista com a catástrofe é diferente do envolvimento com outros temas mais corriqueiros, pelos aspectos emocionais que cercam estes acontecimentos e pela iminência, em muitos casos, de o jornalista se tornar uma vítima também. A cobertura dos furacões nos Estados Unidos denominados Katrina e Rita, segundo Izard e Perkins (2005), tiveram como diferencial o abandono de uma abordagem equilibrada dos jornalistas e a evidência de suas emoções, até porque jornalistas e seus familiares foram também afetados. Para os autores, nestes casos, os repórteres não podem mais se contentar em fazer um trabalho de cobertura supostamente equilibrado, mas devem buscar a verdade, comparar e contrastar os diversos pontos de vista para melhor representar a realidade. Há uma noção de que, nestes casos, a cobertura equilibrada privilegia o status quo. O trabalho do jornalista não pode ficar circunscrito a descrever e testemunhar, mas o jornalismo precisa se engajar e tomar a liderança.

4. O testemunho no jornalismo

A partir da análise de Veja, Isto é, Época e Carta Capital durante o mês de janeiro, sistematizamos as características das fontes testemunhais encontradas para compreender as especificidades deste tipo de relato. Optamos por analisar as fontes mencionadas, visto que para estudarmos as fontes utilizadas teríamos que fazer um estudo no âmbito da produção. Constatamos também que para analisar um tipo de fonte jornalística é necessário cotejá-la com as demais, pois dificilmente poderemos concluir sobre suas características sem o tensionamento com as demais. Optamos, neste trabalho, por cotejar as fontes testemunhos com as fontes experts.

4.1. Especificidades das fontes testemunhais

O testemunho no jornalismo raramente existe “em si”, normalmente integra uma reportagem e convive com outros relatos. No caso das coberturas de tragédias, estudos exploratórios realizados na revista Veja durante o ano de 2010 mostraram que as fontes experts são convocadas para trazerem o conhecimento científico sobre os fatos e, normalmente, logo em seguida são elas que tensionam as falas das fontes- autoridades,

principalmente no que tange ao seu papel na regulação da relação homem-ambiente. À fonte testemunha cabe ilustrar o sofrimento. Ao contrário das fontes oficiais e dos experts, os testemunhos exercem funções peculiares no jornalismo não focadas na explicação cognitiva dos fatos. Até porque algumas estratégias tradicionais das fontes (como controlar ou seduzir) não funcionam no caso dos testemunhos, pois dificilmente estarão organizadas socialmente e estrategicamente para pensar sua fala. Quem pode testemunhar é, em primeiro lugar, quem sobreviveu ao trágico acontecimento. Em segundo lugar, é alguém que sofreu a experiência. Em terceiro lugar, é alguém a quem o jornalista avaliou que deveria dar a palavra, ou seja, quem tem a história mais interessante para contar.

Afirma Rodrigues (1997, p. 1) que o testemunhador “possui o privilégio exclusivo de deter o poder de controlar a veracidade de sua mensagem, pelo facto de ter experienciado directa e imediatamente os fenómenos e os acontecimentos que narra.” Podemos afirmar que uma vez autorizada sua presença no discurso, seu manifesto é da ordem da veracidade.

“Ovi um barulho de árvore quebrando e avisei minha nesta para sairmos dali. Ela disse que não ia acontecer nada, lembra Nely. Moro aqui há 40 anos e nunca imaginei que algo assim pudesse ocorrer. **Perdi** minha casa, minha família e minha felicidade”, diz Nely. “Só restou uma parede azul, nem tenho mais fotografias”. Isto é 19/01

“A gente só fazia rezar para a água não levar a casa”, disse Joaci. [...] “Eu só estava preocupado que não enchesse mais porque **eu teria que deixar meu irmão para trás.**”, afirma Joaci, que interrompe a entrevista para chorar. Época 17/01

“Não sei para onde vou, mas para lá não volto mais”, prometeu. Época 17/01

“Todos os casamentos e batismos que tinha agendado para este mês foram cancelados”, lamenta o fotógrafo Adriano José. Isto é 26/01

“Perdi minha casa e meu carro no desabamento, contou. Agora, **o que eu quero é sair daqui**”. Isto é 19/01

Consideramos que, de forma geral, o testemunho tem a função de demonstrar um fato ou situação, de ser uma prova cabal, afinal, nele alguém relata o que viu ou ouviu ou sentiu. A fala do testemunho é a fala do urgente, do pungente, do desespero, do sofrimento. O testemunho traz o que há de marcante numa vivência intransferível (NESTROVSKI e SELIGMAN SILVA, 2000, p.10) e, por vezes, transmite a ideia de que se trata de uma experiência inenarrável.

“É lá que está brotando corpo”, dizia a guarda municipal em Teresópolis, apontando para os bairros da Posse de Campo Grande. Época, 17/01

“Eles só podem estar o há o que fazer”, lamenta Souza. **“Até agora só consegui encontrar um homem morto e resgatei o braço de uma criança. É muito triste.”** Isto é, 19/01

“De repente, começaram a descer pedra, madeira e muitas pessoas levadas pela correnteza”, diz Marcio. Carta Capital, 19/01

“Tenho que passar pomada com cheiro de menta no nariz para poder trabalhar. O mau cheiro está insuportável”, disse um dos funcionários responsáveis pelo transporte dos corpos em Nova Friburgo, que prefere não se identificar. Isto é, 19/01

Estava ali, sob o calor de 40 graus, para sepultar os pais, dois filhos, a irmã, o cunhado, o sobrinho, a sogra e outros parentes da mulher, [...] **“Como o Erick aguenta?”**. Época, 17/01

Nicolas sobreviveu abraçado ao pai, Wellington da Silva Guimarães, de 25 anos. **“Agradeço a Deus, não estou acreditando”**, disse. - **Pensei que ia morrer. Pedi a Deus que não me deixasse ali**”, disse ela. **“Eu me agarrei como nunca na corda!**. O cão foi levado. Ela salvou-se. Época, 17/01

No jornalismo, o testemunho não se configura num relato acabado com fins de recuperação da memória de fatos históricos, como por vezes constatamos na literatura. O objetivo primeiro do testemunho é afirmar a realidade. Assim como as vítimas tem necessidade de narrar o que lhes aconteceu, cabe ao jornalismo tentar reconstruir a experiência traumática. É, muitas vezes, um relato simultâneo ao acontecimento, com

características efêmeras e fragmentadas, porém convocado a dar efeito de real ao discurso da notícia ou da reportagem. Nas reportagens, os testemunhos não são extensos. Também não é seu objetivo primeiro reconstruir a história, pois essa função de organização da narrativa cabe ao jornalista. O testemunho traz o efeito de realidade, apaga “a intervenção inevitável e incontornável da linguagem, não só para a comunicação, mas também para a constituição da própria experiência” (RODRIGUES, 1997, p.1).

Outra função do testemunho é ressaltar o que há de mais humano ou desumano em tal acontecimento. É denunciar uma perda e a vivência ou sobrevivência de um evento radical e limite. As fontes testemunhais sozinhas não dão o sentido primeiro ao fato, elas compõem um relato necessariamente acompanhado de outros, até porque a experiência não é auto-explicativa, ela não basta ao relato jornalístico.

O testemunhador ascende à condição de fonte não pelos seus capitais (culturais, sociais, econômicos ou simbólicos). O que torna alguém fonte nestas condições é justamente sua expropriação. Quem fala, o faz a partir de sua experiência e não a partir de seu capital. Por vezes, quem fala como testemunho fala justamente a partir de sua ausência total de capital e do seu sofrimento. Por isso, um efeito do testemunho no jornalismo é dar visibilidade a pessoas não corriqueiramente representadas na cena midiática.

“Mesmo para quem não teve mortes na família a vida depois da enchente vai ser muito dura”, diz Elcio Machado, enquanto varria lama de **sua loja de baterias de automóvel**, que foi tomada pelas águas. Isto é 26/01

“Alguns dos meus funcionários estão isolados, outros perderam parentes e não têm condições de trabalhar. Estou operando com metade da produção”, diz Nelci Layola, **dona da fábrica de lingerie**[...]”Não terei como honrar os compromissos deste mês”, prevê . Isto É 26/01

Como a prioridade agora são os gêneros de primeira necessidade, não tivemos mais clientes nestes últimos dias”, conta Peterson Pereira, **artesão** de uma loja de artigos de festa. Isto é 26/01

No centro de Nova Friburgo, família de várias classes sociais perambulavam nos dias que sucederam ao desastres[...] Uma delas era o **pedreiro** Andrei Sival, 26 anos, cuja casa, localizada no bairro[...] ”Não sei para onde vou, mas para lá não volto mais”, prometeu. Isto é 26/01

Na caracterização da tipologia das fontes jornalísticas, os testemunhadores são irregulares, informais, desorganizados e raramente integram a agenda de fontes dos jornalistas. Entretanto, muitas vezes, exercem a função de democratizar ou pluralizar a informação jornalística, retirando o fato de sua esfera estritamente institucional, oficial ou hegemônica. A fonte testemunhal difere-se das demais porque não surge de uma autoridade ou de um conhecimento instituído que o jornalista reconhece como legítimo, mas sim na opção do repórter de relatar um fato do ponto de vista de uma experiência individual.

A parcialidade é outra característica do testemunho. Quanto menos imparcial for o testemunho, mais envolvente será. Seu objetivo primeiro não é reconstruir a história, mas relatá-la de seu ponto de vista individual. Entretanto, a parcialidade diz respeito à forma fragmentada como o testemunhador enxerga o acontecimento e não necessariamente a um “tomar parte”.

“Graças a Deus não morreu ninguém da minha família. Construí esta casa com meu pai, também pedreiro. Agora vou fazer de novo.” Isto é 26/01

“Minha casa foi arrasada, a lavoura onde meu marido trabalhava não existe mais. Não sabemos o que fazer”, diz Tatiana Janício, 19 anos. Isto é 26/01

“Vou tentar resgatar o que resta do salão de beleza da minha mãe”, diz Priscila de Souza. Isto é 26/01

“Estamos procurando minha prima, que ninguém sabe onde estava na hora da chuva”, conta Renat Pobel, ao lado do companheiro [...]. Isto é 26/01

“Não saio daqui sem enquanto não souber notícia de minha avó”, disse, ainda estado de choque, a comerciária Regina Soares[...] Isto é 19/01

“Perdi minha casa e meu carro no desabamento”, contou. **“Agora, o que eu quero é sair daqui”** Isto é 19/01

“Achei que iria acontecer a tragédia. Acordei meu filho e corremos para a casa de um vizinho em um lugar mais alto”, lembra Serafim. **“A casa que**

leve 20 anos para construir caiu em cinco minutos. **Não sei** se compro um chinelo para meu filho ou um quilo de arroz. **Não sei nem para onde ir.**”

“**Ainda sinto o cheiro** daquela lama que descia pelo morro. **Não consegui dormir** desde então”. Veja 19/01

“De repente, **tudo começou a tremer debaixo de meus pés, diz. Quando me dei por mim, estava debaixo de um monte de entulho e lama.**” Época 17/01

“**meu irmão não queria sair**, mas felizmente **eu o convenci a abandonar tudo**. Se ele tivesse ficado lá, **meus sobrinhos hoje seriam órfãos.**” Veja 19/01

“**Não poderia descansar enquanto não visse os corpos**”, desabafou o sacoleiro Werner Souza, enquanto ajudava os bombeiros a carregar os corpos dos cunhados Leni e avá no distrito de Campo do Coelho. Isto é 26/01

As declarações das fontes podem ter diversos efeitos valorativos: de decisão (performativa), de saber (autoridade pelo saber), de opinião (julgamento), como afirma Charadeau (2006, p. 63). As fontes testemunhais não participam de abordagens do tema de maneira a contextualizar, explicar, avaliar ou propor, mas contribuem com a abordagem factual.

4.3.O cotejamento com os experts

Os experts têm papel destacado na cobertura das catástrofes, pois transcendem a experiência traumática propondo explicações para ela. Enquanto as fontes comuns respondem questões factuais (o quê, quem, quando e onde) as fontes autoridades e experts, respondem o como e o porquê. Sponholz (2008) lembra que, do ponto de vista epistemológico, jornalistas e cientistas têm diferentes formas de acesso à realidade, com base, respectivamente, no singular e no universal. O jornalista pode conhecer mais sobre um fato isolado do que um cientista, mas talvez o jornalista tenha dificuldade em reconhecer certas conexões. “Nesse contexto insere-se o expert e o seu saber. Ele deve encaixar a peça que o jornalista encontrou

no quebra-cabeça” (SPONHOLZ, 2008). O protótipo do expert é o cientista. Para ela, em situação de riscos, a presença de fontes competentes se impõe, pois elas organizam a compreensão do fato sem necessariamente terem que se posicionar. Além disso, os experts têm a imagem de fonte neutra que não necessita ser confrontada.

Normalmente, os experts não são confrontados com outras fontes. Mas ao contrário que pode se supor, a sua competência científica não é o único critério de sua aparição. Para Sponholz (2008), o expert não é aquele que apenas tem o conhecimento específico, mas aquele que também tem acessibilidade e qualidade comunicativa. A autora cita levantamentos feitos com cientistas norte-americanos que não mostram relação entre a produtividade científica de um pesquisador e a frequência com a qual ele foi entrevistado. O principal indicador para escolher um cientista para ser entrevistado é a sua vinculação institucional e a posição hierárquica e não sua produção científica.

Outra ponderação a se fazer, é que os experts não são necessariamente fontes desinteressadas. Há experts do tipo *newsmakers*, como os ativistas ligados ao Greenpeace, os do tipo *think tanks*, que pertencem a organizações que buscam influenciar na cobertura jornalística e nas políticas públicas, e os de tipo *newsshapers*, que se restringem a fornecer informações no âmbito interpretativo (SPONHOLZ, 2008). Estes últimos seriam os experts típicos, supostamente desinteressados, enquanto os outros compõem o relato de um dos lados da história.

No caso da cobertura analisada, as fontes experts foram do tipo *newsshapers*, cujas manifestações tiveram as seguintes abordagens (CHARAUDEAU, 2006,2008):

a) Contextual

“Ao contrário dos outros locais, em que não havia mais riscos quando chegamos, aqui houve desabamentos durante os trabalhos de resgate.” Veja 19/01

b) Explicativa

“Essas mudanças alteram o ciclo de formação das chuvas e provocam fenômenos sem precedentes”, diz João Willy Rosa, professor de geociências da Universidade de Brasília (UNB)”. Veja 19/01

“Para viver em sociedade, o homem aprendeu a criar laços de solidariedade”, afirma o psiquiatra Daniel de Barros, da Universidade de São Paulo. Época 17/01

“Não somos heróis”, diz o subcomandante do Corpo de bombeiro do Rio de Janeiro, coronel José Paulo Miranda de Queiroz. “somos capacitados para exercer nossa profissão e sabemos que corremos risco de morte.” Época 17/01

Segundo o secretário-geral da ONG Contas Abertas, Gil Castello Branco, [...] “Do montante do ano passado, 50,5%, mais de R\$80 milhões foram destinados à Bahia, enquanto o Rio ficou só com 0,6%, ou seja, R\$1 milhão. São Paulo teve 5,6% e Minas Gerais, 6,2%.”

c) Avaliativa

“Não há homens para isso, minha senhora”, respondeu o bombeiro.” Nossa prioridade é resgatar os vivos”, disse, inadvertidamente sugerindo que eram infundadas as esperanças da jovem de encontrar o pai vivo. Veja 19/01

“Os governos só tem uma visão míope que só vale para os quatro anos de mandato”, critica David Zee, coordenador de mestrado em meio ambiente da universidade carioca Veia de Almeida. “Estado, município e federação tem obrigação de trabalhar de forma integrada. Mas todas essas esferas têm sido historicamente omissas.” Isto é 19/01

“Não há desculpa para colocar a culpa nas chuvas, o Brasil não é Bangladesch”, diz a diretora do Centro para a Pesquisa de Epidemiologia da ONU [...]”. Isto é 19/01

“Estamos falando de décadas e décadas de administrações omissas”, diz o cientista político Luiz Werneck Viana.” Faltou às prefeituras fiscalizar as zonas em que as ocupações irregulares acontecem, faltou aos Estados desenvolver planos para essas regiões, faltou ao governo federal priorizar a questão do planejamento urbano e da habitação.” Isto é 19/01

d) Prescritiva ou propositiva

“São as prefeituras que regulam o uso do solo, autorizam construções e fiscalizam regiões de risco”, diz o cientista político Ignácio Cano, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para ele, a situação chegou a um ponto em que “é preciso uma política com um componente repressivo

que impeça a construção irregular e remova que está em área de risco”. Isto é 19/01

Como constatamos, o jornalista interpela o expert para que ele auxilie na compreensão do fato por intermédio da análise das particularidades e universalidades. Já o testemunho é interpelado para que as singularidades venham à tona. São as fontes experts, por exemplo, que vinculam o debate sobre as alterações climáticas à agenda mais ampla do desenvolvimento e do crescimento e também são elas que buscam as causas das tragédias e os responsáveis por ela.

Entretanto, é interessante frisar que mesmo a fonte expert pode fazer declarações de teor testemunhal: “Infelizmente, já perdi colegas. Posso vir a perder outros mais.”, afirmou um bombeiro numa reportagem de Veja (19/01).

5. Questões que permanecem

Há também, a ser observada, uma política de visibilidade das fontes que varia na medida em que o tempo passa. Ou seja, a medida em que o acontecimento se desenrola, a política de consulta a fontes se modifica e as fontes testemunhais vão se tornando rarefeitas.

Importante é ressaltar que, muitas vezes, os testemunhos aparecem tão somente corroborando ou ampliando a tese defendida pela matéria jornalística. Na maior parte das vezes, não há uma pluralidade de pontos de vista, apenas de locutores. Aos testemunhos são interditas posições explicativas, contextualizadoras ou propositivas ou ainda declarações que expressem revolta, resistência ou oposição.

Consideramos que, de forma geral, o testemunho tem a função de demonstrar um fato ou situação, de ser uma prova cabal, afinal, nele alguém relata o que viu ou ouviu ou sentiu. Os testemunhos baseiam-se sobretudo na representação da sensação bruta, do concreto, do imediato, do instrumental e não operam com a explicação e o distanciamento dos fatos. A experiência é imputada sempre ao indivíduo e não a uma coletividade. Além do mais, essa experiência é representada como a fonte do sentido, como se fosse independente do discurso (HARTLEY, 2001, p.106).

Para Charaudeau (2006), os critérios para a escolha dos atores sociais que terão visibilidade na matéria jornalística servem ora a objetivos de credibilidade, ora a objetivos de captação e podem obedecer a várias lógicas. No caso dos testemunhos, elas não são relacionadas à notoriedade, representatividade ou polêmica, apenas à expressão da experiência traumática.

A principal especificidade do testemunho no jornalismo é o relato de uma experiência radical, de uma situação- limite representativa para a coletividade ou para algum segmento social. Consideramos que os testemunhos são o ponto de observação, o ângulo desde onde analisamos o discurso da catástrofe nesta pesquisa. Para além de um relato supostamente recheado de realidade, o testemunho é, sobretudo, um tipo de representação. Mas não é uma representação como qualquer outra, pois tem a marca da violenta presença do trauma. Além disso, abriga, no caso das catástrofes ambientais, concepções preexistentes sobre o meio ambiente, as alterações climáticas e o papel de cada ator social ouvido, envolvido e citado. As fontes jornalísticas são um mirante para a observação de vários campos sociais que convivem na produção notícia e confluem para dentro dela. São o vértice para onde convergem várias questões que dizem respeito não somente à instância da técnica jornalística, mas também da ordem da representação social, da pluralidade e da convivência entre poder, conhecimento e experiência. A experiência das fontes testemunhais é relatada de forma afastada do poder e do conhecimento, num enredo discursivo com papéis específicos.

Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo, Contexto, 2008.

_____. **Discurso das Mídias**. São Paulo, Contexto: 2006.

CUNHA, Luiz Claudio. Rio, Tragédia na serra – alarme falso, pânico de verdade.

Observatório de Imprensa, São Paulo 19 jan. 2011. Disponível em:

<<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>>. Acesso em 19 jan. 2011

FIORAVANTE, Carlos. Em busca de outras formas de ver e pensar. 2008. ANDI. Disponível em <<http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br>> Acesso em 03 jun. 2010

_____. Jornalismo e mudanças climáticas: desafios em frente. Disponível em <<http://www.museudavida.fiocruz.br>>. Acesso em 19 jun. 2010.

- GOMES, Mayra. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hacker /EDUSP, 2000.
- HARTLEY, John. Experiência. In: O'SULLIVAN, Tim et alii. **Conceitos-chave em estudos de comunicação e cultura**. Piracicaba: UNIMEP, 2001.p. 139.
- IZARD, Ralph e PERKINS, Jay. In the wake of disaster: lessons learned. In: IZARD, Ralph; PERKINS, Jay (Ed). **Covering disaster** – lessons from media coverage of Katrina and Rita. Transaction Publishers, Brunswick, New Jersey, 2010, p 1-19.
- LAURINDO, Rosemeri. **Jornalismo em três dimensões** - singular, particular e universal. Blumenau, EDIFURB, 2008
- MOTTA, Luiz Gonzaga. O trabalho simbólico da notícia. In: **XII ENCONTRO NACIONAL DA COMPOS**, Recife, Pernambuco – Junho 2002.
- NESTROVISKI, Arthur. Vozes de crianças. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (org). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.
- PEREIRA, Luciara. Diário de um detento: nas fronteiras do gênero testemunho. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. Arte e experiência. **Revista de Comunicação e Linguagem**, Lisboa, n.12/13, p. 25-33, 1991.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. Comunicação e experiência. 1997. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt>>. Acesso em 18 mar 2010.
- _____ Experiência, modernidade e campo dos mídia, 1996. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt>>. Acesso em 18 mar 2010.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2007
- SELIGMANN-SILVA, Marcio (org.). **História, Memória, Literatura: O testemunho na Era das Catástrofes**. Editora da Unicamp: Campinas, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. **Tempo e argumento**. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3 – 20, jan. / jun. 2010
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato** – notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2009.
- SPONHOLZ, Liriam. Neutralizando conhecimento: como jornalistas lidam com experts. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n.3, p.591-619, set/dez. 2008.
- STEIMBERGER-ELIAS, Margarethe Born. Estudo das Condições de Produção e Circulação de Relatos sobre Desastres e Catástrofes na América Latina. In: **XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM**, 2010.

REVISTAS CITADAS

- VEJA, Edição 2149, 23/01/2010.
VEJA, Edição 2200, 19/01/2011.
ISTO É, Edição 2150, 26/01/2011.
ISTO É, Edição 2149, 19/01/2011.

CARTA CAPITAL, Edição 630, 26/01/2011.
CARTA CAPITAL , Edição 239. 19/01/2011.
ÉPOCA, Edição 661, 17/01/2011.
ÉPOCA Edição 662, 24/01/2011.